



RESENHA

COSTA NETO, Eraldo Medeiros. *O bruxo-azul e a cobra-de-asa: Insetos no dia a dia de uma comunidade rural do Recôncavo baiano*. Feira de Santana: Editora Zartes, 2022*.

Resenhado por Elidiomar Ribeiro da Silva (Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – LABEUC-UNIRIO)

Em 1952, os antropólogos estadunidenses Leland Clifton Wyman e Flora L. Bailey, ao investigarem o manejo de insetos pelos integrantes da etnia Navajo, no sudoeste dos Estados Unidos, forjaram o termo Etnoentomologia. Desde então, essa passou a ser uma das mais requisitadas subáreas das chamadas, etnociências, campo multidisciplinar que estuda o conhecimento tradicional das populações humanas sobre os processos da natureza. Conceitualmente, Etnoentomologia seria o ramo da etnobiologia encarregado de investigar a percepção, o conhecimento e os usos dos insetos e outros artrópodes em diferentes culturas humanas.

Como celebração dos 70 anos da primeira utilização do termo Etnoentomologia, um dos mais exponenciais estudiosos do campo das etnociências, o professor Eraldo Medeiros Costa Neto, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, publicou recentemente o livro *O Bruxo-azul e a Cobra-de-asa - Insetos no dia a dia de uma comunidade rural do Recôncavo baiano* (COSTA NETO, 2022), que já nasce como obra de referência obrigatória sobre o tema. Conforme o próprio professor Eraldo explica na apresentação do livro, a obra é uma revisitação, com os devidos ajustes, atualizações e adequações, à sua tese de doutorado, de 2003, defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de São Carlos.

Como epígrafe, o autor nos brinda com um poema autoral, escrito em 2001, sobre o ciclo biológico das borboletas, uma verdadeira metáfora do próprio ciclo da vida e da natureza. E nenhum outro inseto seria tão representativo disso, aos olhos de um humano, quanto a borboleta. Cientificamente classificada na mega diversa ordem Lepidoptera (os lepidópteros, no termo aportuguesado), borboletas costumam ter uma representatividade social positiva, muito provavelmente pela encantadora beleza de suas cores, além de estarem às nossas vistas diurnas. Melhor escolha para uma apresentação epigráfica à obra, impossível.

No prefácio do livro, de escrita brilhante e contundente, o professor Nelson Papavero, da Universidade de São Paulo, exalta com justiça a impressionante trajetória acadêmica do autor, cujo currículo inclui bem mais de cem artigos científicos publicados, além de dezenas de livros ou capítulos de livro, sem contar outras inúmeras atividades. Porém, mais que isso, Papavero alerta para a injustificada aversão que a academia científica costuma demonstrar às novidades, especialmente a “quaisquer tipos de pesquisas que não fizessem parte, ortodoxamente, da zoologia aceita pela academia - inclusive a etnozooologia”. Um dos

autores da espetacular obra *Insetos no folclore* (LENKO & PAPAVERO, 1979), Papavero deve saber como poucos o peso desse preconceito. Que, provavelmente, está algo relacionado a um dos temas que têm guiado discussões nas universidades e institutos de pesquisa: a necessidade de maior aproximação entre academia científica e sociedade de entorno. Talvez em relação de causa e efeito, talvez como consequência.

Excelente para isso – e mesmo para ajudar a sepultar os preconceitos acadêmicos intrínsecos - o texto do livro segue, respeitando todas as normas formais de um trabalho científico, o estilo simples, singelo e poético da epígrafe, transformando a leitura em algo fluido e agradável. Vamos, assim, passear em sequência pelos capítulos, distribuídos por cinco partes, antes do epílogo: na Parte I (capítulos 1 a 3) são abordados aspectos mais gerais e conceituais da Etnoentomologia; na Parte II (capítulos 4 e 5), aspectos metodológicos; na Parte III (capítulos 6 a 8), alguns resultados obtidos a partir de uma comunidade em específico; na Parte IV (capítulos 9 e 10), interpretações desses resultados; na Parte V (capítulo 11), aplicações tradicionais da comunidade.

No capítulo 1, *Histórico e conceituação da Etnoentomologia*, o autor realça a imensa diversidade dos insetos, os seres vivos mais especiosos do planeta, os papéis sistêmicos fundamentais por eles exercidos e sua importância para as diferentes civilizações humanas. Traça também um histórico da definição conceitual e uso do termo Etnoentomologia, estudo de como os insetos e demais artrópodes são percebidos, classificados, conhecidos e utilizados pelas populações humanas. O histórico não tem início com a proposição do termo Etnoentomologia, por Wyman & Bailey (1952), mas remonta aos primórdios da humanidade. É apresentado também o termo Entomologia Cultural, proposto por Hogue (1980, 1987) como a identificação e descrição da participação de insetos em vários produtos culturais, como brinquedos, jogos, desenhos animados, filatelia, tatuagem, provérbios, dentre outros. Também são discutidos o preconceito etnocêntrico presente na definição de Etnoentomologia dada por Hogue e, posteriormente, alguns outros autores, bem como os limites do campo de investigação etnoentomológico, que pode ser mais amplo ou estreito a depender do conceito adotado para definir a palavra inseto. Esse último ponto é bem interessante, posto que, na definição popular, além dos demais artrópodes, outros diferentes animais podem ser tidos como “insetos”.

O capítulo 2, *Relevância socioambiental da Etnoentomologia*, aborda a oralidade como forma de transmissão dos saberes etnoentomológicos. Esse conhecimento entomológico tradicional, resultante de acúmulos experimentais por gerações (ELLEN, 1997), tem tremendo potencial para a ampliação do conhecimento acadêmico formal. Isso pode se dar, especialmente, em áreas como avaliação e monitoramento de impactos ambientais, manejo de recursos naturais e outros temas de interesse econômico, em uma breve demonstração do quanto se pode aprender a partir de conhecimentos e sujeitos não acadêmicos. O capítulo é rico em exemplos de como esse conhecimento entomológico tradicional costuma ser muito útil à ciência acadêmica formal.

No capítulo 3, *Etnoentomologia no Brasil*, são abordadas as primeiras impressões sobre os insetos e seus usos, os estudos contemporâneos e a relação entre antropologia cognitiva e Etnoentomologia. Partindo dos primeiros registros sobre a diversidade dos insetos brasileiros, feitos por viajantes, naturalistas e cronistas como José de Anchieta, Hans Staden, Pero de Magalhães Gândavo e Fernão Cardim, são apontados aspectos morfológicos e comportamentais, além do hábito de diversas espécies. Tais autores históricos também observaram e descreveram as interações entre os humanos originários e colonizadores com a entomofauna, incluindo mariposas, formigas, abelhas e pulgas, bem como animais que, embora filogeneticamente distantes dos insetos, podem ser agrupados com eles na percepção popular, como serpentes, sapos, ratos, aranhas, lagartixas, escorpiões e lesmas. A esses relatos históricos, segue-se a devida reverência à já mencionada obra *Insetos no folclore*,

bem como ao papel desempenhado por autores, como Eurico Santos, Messias Carrera, Hitoshi Nomura e os mais recentes, na divulgação científica da relação entre diferentes sociedades humanas e os insetos. Em sequência, são sumarizadas as possibilidades de estudos etnoentomológicos quanto a sistemas de classificação populares, presença em contos, mitos e crenças, aspectos culturais, consequências econômicas e ambientais, dentre outras. Com isso, é fechada a primeira parte da obra.

Nos capítulos 4, *Área de estudo*, e 5, *Considerações metodológicas*, é descrita a comunidade de Pedra Branca, localizada no centro-oeste do estado da Bahia, seu histórico político e social, bem como aspectos naturais da região. Os primeiros habitantes da localidade foram os indígenas Kariri e Sabujá, descendentes dos Tupinambá, e hoje a população é estimada em cerca de 500 moradores. Foi nessa localidade que o autor desenvolveu a sua tese de doutorado (COSTA NETO, 2003), sendo descritos nessa segunda parte do livro a forma em que os dados foram obtidos, a estruturação das entrevistas com moradores, bem como os demais procedimentos metodológicos.

No capítulo 6, *Etnoentomologia em Pedra Branca: considerações gerais*, é definido o domínio semântico “inseto” conforme percebido pelos moradores de Pedra Branca, tendo uma representação social basicamente negativa. O que inclui, conforme já visto, animais evolutivamente bastante distantes dos insetos em alguns casos. Por outro lado, insetos que apresentam alguma “utilidade” não são vistos como tal. Os possíveis motivos para essas percepções, bem externadas a partir dos depoimentos, são apresentados nesse capítulo. Também são abordadas as percepções da Etnoontogenia, que diz respeito à origem e desenvolvimento do organismo segundo a visão emicista, e das biotransformações ou metamorfoses.

No capítulo 7, *“Ofensas” causadas pelos insetos*, é reforçada a percepção dos entrevistados de que a palavra “inseto” está muito associada à imagem de animais venenosos e de aparência desagradável, provocando reações de nojo. Lagartas de várias famílias de mariposas, a lagarta-sete-couros (que, apesar do nome, é larva de um tipo de vespa, ou seja, pertence à ordem dos himenópteros), besouros-potó, percevejos hematófagos, marimbondos e formigas referendam essa percepção. O interessante é que a má fama acaba respingando em insetos inofensivos, mas que, de alguma forma, lembram os potencialmente perigosos ou estão incluídos em crendices.

No capítulo 8, *Insetos considerados pragas*, são listados pelo menos 20 etnoespécies de insetos considerados pragas dos cultivos e frutíferas locais, incluindo lagartas, besouros, formigas, grilos, gafanhotos, cigarras e pulgões, aos quais os moradores da Pedra Branca respondem com o uso de pesticidas. O autor alerta sobre quão benéfica seria a intervenção, em comum acordo com a população local, de um técnico agrícola para transmissão de informações sobre o uso correto de tais defensivos.

Iniciando a parte IV do livro, o capítulo 9, *Significado semiótico dos insetos*, mostra a classificação de tipos de insetos associados a acontecimentos benéficos ou maléficos, bem como à previsão de condições meteorológicas. Mas sempre levando em consideração que um mesmo sinal pode ter significados semióticos diferentes, de acordo com a interpretação dada por cada sujeito. Um exemplo que, possivelmente, é bem familiar à maioria dos que estão lendo a presente resenha, diz respeito às cigarras. Enquanto em alguns lugares do Brasil, como o meu Rio de Janeiro, o canto desses insetos é tido como prenúncio de um dia seguinte ensolarado, em outros anuncia chuva (CASCUDO, 1979).

No capítulo 10, *História natural de insetos culturalmente salientes*, o professor Eraldo relata que os moradores de Pedra Branca citaram cerca de 100 tipos de insetos, representantes de mais de dez ordens. Porém, de poucos eles descreveram a história natural detalhada. Por exemplo, a borboleta conhecida como bruxo-azul (*Morpho eugenia* Deyrolle, 1860, da família Nymphalidae) e um parente das cigarras, a jequitiranaboia ou, dentre muitos outros

nomes comuns, cobra-de-asa, a *Fulgora laternaria* (Linnaeus, 1758), da família Fulgoridae. Insetos que dão o bonito nome ao livro, igualmente bonito.

No capítulo 11, *Usos de insetos pelos moradores de Pedra Branca*, o único da Parte V, são discutidas as maneiras como a população local utiliza os insetos. Foi dado enfoque ao uso alimentar, estético-decorativo, mágico-ritualístico, lúdico, cosmético, doméstico, etnoveterinário e tecnológico.

Por fim, no *Epílogo*, o professor Eraldo reforça que o conjunto de conhecimentos etnoentomológicos dos moradores da região de Pedra Branca é complexo e dinâmico, incluindo aspectos de taxonomia, biologia, *habitat*, ecologia, abundância, sazonalidade, fenologia e comportamento de diferentes espécies. Vale ressaltar que, de um modo geral, o conhecimento entomológico tradicional dos entrevistados é coerente com o preconizado pela academia científica formal. Ainda segundo o autor, isso pode ser útil para os pesquisadores que realizam investigações sobre a biodiversidade de insetos na localidade. Esse conhecimento entomológico tradicional pode se constituir em valioso recurso a ser considerado tanto para os processos de desenvolvimento da região, como na eventual transformação da área em algum tipo de unidade de conservação ambiental.

Há também três apêndices ao final do livro. No primeiro são identificados taxonomicamente os insetos citados, conforme as regras da ciência formal, no segundo são apresentadas algumas cantigas de roda mencionando insetos e, no terceiro, alguns contos.

De minha parte, finalizando esta resenha, que me propiciou a prazerosa tarefa de leitura crítica à tão relevante obra, mais do que uma narrativa bem escrita, organizada, sequencialmente lógica e interessante, o livro é uma verdadeira aula de como se aprender. No caso, o aprendizado foi com a comunidade da interiorana Pedra Branca e seu conhecimento cultural sobre insetos. Mas poderia – e pode – muito bem ser em qualquer canto do planeta onde tenha alguém pensando, interagindo, trocando e compartilhando com a natureza e os saberes associados.

Referências

CASCUDO, Luís C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 4 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1979.

COSTA NETO, Eraldo M. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia: um estudo de caso das interações seres humanos/insetos*. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2003.

COSTA NETO, Eraldo M. *O bruxo-azul e a cobra-de-asa - Insetos no dia a dia de uma comunidade rural do Recôncavo baiano*. Feira de Santana: Zarte, 2022

ELLEN, Roy F. Indigenous knowledge of the rainforest: perception, extraction and conservation. In: Maloney, B.K. (ed.). *Human activities and the Tropical Rainforest*. Dordrecht: Kluwer, 1998, p. 87-99.

HOGUE, Charles L. Commentaries in cultural entomology: 1. Definition of cultural entomology. *Entomological News*, v.91, n.2, p.33-36, 1980.

HOGUE, Charles L. Cultural entomology. *Annual Review of Entomology*, v.32, p.181-199, 1987.

ECO - REBEL

LENKO, Karol; PAPAVERO, Nelson. *Insetos no folclore*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Cultura, 1979.

WYMAN, Leland C.; BAILEY, Flora L. Native Navaho methods for the control of insect pests. *Plateau (The Museum of Northern Arizona)*, v.24, n.3, p.97-103, 1952.

*Este e-book pode ser adquirido no site da Amazon. O link é este:

https://www.amazon.com.br/Bruxo-azul-Cobra-asa-comunidade-rec%C3%B4ncavo-ebook/dp/B0B1BG76SC/ref=sr_1_2?crid=952JZ7ECQWRG&keywords=o+bruxo+azul&qid=1655211389&sprefix=bruxo+az%2Caps%2C303&sr=8-2

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 8, n. 2, 2022.